

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES  
GÊNERO E FEMINISMO  
GRUPO DE ESTUDOS FEMINISTAS EM POLÍTICA E EDUCAÇÃO - GIRA**

Projeto de Pesquisa

Título: As disputas em torno das questões de gênero e sexualidades: uma análise comparativa entre o Brasil e a França do impacto da “*ideologia de gênero*” na permanência universitária de estudantes LGBTs

Solicitante: Elder Luan dos Santos Silva ([elluanss@gmail.com](mailto:elluanss@gmail.com))

Salvador, Abril de 2019

**Resumo:** O projeto “As disputas em torno das questões de gênero e sexualidades: uma análise comparativa entre o Brasil e a França do impacto da “ideologia de gênero” na permanência universitária de estudantes LGBTs” visa compreender como as disputas promovidas em torno da noção de ideologia de gênero têm cerceado o direitos de pessoas LGBT, promovido à violência e impactado a permanência de estudantes universitários LGBT brasileiros e franceses. Como análise comparativa pretende lançar luz sobre as estratégias e ações utilizadas pelos movimentos pró-ideologia de gênero e as resistências desenvolvidas pelos estudantes universitários LGBTs para permanecer na universidade, concluir seus cursos e sobreviver em meio a onda de violência provocada nesses contextos.

**Abstract:** The project “Disputes around gender and sexuality issues: a comparative analysis between Brazil and France of the impact of the “gender ideology” on the university permanence of LGBT students” aims to understand how the disputes elevated around the notion of ideology of gender have curtailed the rights of LGBT people, promoted to violence and impacted the permanence of Brazilian and French LGBT university students. As a comparative analysis it aims to shed light on the strategies and actions used by the pro-ideology movements and the resistance developed by LGBT students to stay in university, complete their courses and survive in the midst of a wave of violence provoked in these contexts.

## 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Há períodos históricos em que a sexualidade é mais nitidamente contestada e mais excessivamente politizada. Nesses períodos o domínio da vida erótica é, de fato, renegociado (RUBIN, Gayle. 1994).

Na perspectiva de Gayle Rubin (1994), acredito que estamos vivendo um desses períodos históricos, onde a sexualidade e o gênero, mais especificamente os gêneros e sexualidade dissidentes estão sendo excessivamente contestados e politizados. Acredito que o momento em que nos encontramos, reuniu *condições de possibilidades históricas* para que movimentos religiosos, e conservadores em geral, projetassem suas ideias e aumentassem, significativamente, os discursos e discursividades sobre os sexos, as sexualidades e os gêneros dissidentes.

Algo que tem marcado esse debate, tal como já salientava Moore (1997) no final da década de 90, é que as diferenças entre homens e mulheres na vida social são descritas e estabelecidas a partir do viés biológico e da compreensão que existe uma simples relação de causa e efeito entre biologia e comportamento social (MOORE, 1997). Não muito diferente disso, os setores conservadores das igrejas católicas, protestantes e partidos de direita, tem insistido em combater toda e qualquer produção que localize gênero e sexualidades fora da natureza e da biologia.

Tais concepções são reflexo da dominação do sexo, por mais de um século, pela medicina, psiquiatria e psicologia, que se esforçavam para reproduzir esses essencialismos, e para classificar o sexo como propriedade dos indivíduos, sem história e determinantes sociais (RUBIN, 1994). Mais que isso, segundo também expressa Rubin (1994), as sociedades ocidentais consideram o sexo como uma força negativa, perigosa e destrutiva e até mesmo inerentemente pecaminosa, que se organiza com base em um sistema hierárquico de valores sexuais que organiza a prática sexual. Aqueles comportamentos e práticas que são lidas como de baixo status, a exemplo do que Rubin (1994) chama de “*sapatões de bar e homens gays promíscuos*”, são punidas e estigmatizadas, e categorizadas como má conduta sexual.

A medicina e psiquiatria contribuíram enormemente para a multiplicação das categorias dissidentes, que reforçadas pela igreja como práticas pecaminosas, assumiram na cultura popular um lugar de depravada, doentes, pecaminosas, que ameaça as crianças, a organização das famílias e até mesmo a segurança nacional (RUBIN, 1994). Esse pânico gerado pelo sexo e a sexualidade, tem contribuído para que algumas instituições sociais, a exemplo das organizações cristãs, dediquem parte de seu tempo para combater, aquilo que por elas é lido como não-natural, imoral, entre outros adjetivos negativos, fruto de um pensamento que posiciona o sexo exclusivamente no campo biológico e reprodutivo.

Segundo Rubin (1994), justamente por não ser uma estrutura monolítica, é que existem batalhas contínuas em torno das “*definições, avaliações, arranjos, privilégios e custos do comportamento sexual*” (RUBIN, 1994, p. 28), fazendo com que a luta política sobre o sexo assuma contornos específicos, como é o caso da chamada *ideologia de gênero*, forma como alguns setores das igrejas católicas e neopentecostais e partidos políticos conservadores (no Brasil, conhecidos na câmara dos deputados como bancada do Boi, da Bíblia e da Bala) estão usando para se referir aos estudos sobre gênero, mulheres, feminismo, sexo e sexualidades. Para essas pessoas, os estudos de gênero se estruturam para forçar um novo modelo familiar, uma nova forma de viver a sexualidade, e um projeto de destruição do sexo e do gênero em suas formas convencionais.

A partir dessa compreensão, estruturam seu pensamento e sua atuação de forma a reforçar que o gênero e a sexualidade são biológicos, que dependem um do outro para coexistir, que não se constroem socialmente, e que são ainda designados por deus, o que os tornariam ainda menos possível de serem modificados/transformados em sociedade. Esses

setores, não só tem produzido outros discursos e discursividades, como também tem desenvolvido e ampliado uma ofensiva contra qualquer avanço legislativo em termos dos direitos das mulheres, LGBTs e igualdade de gênero, reforçando, na mesma medida, o machismo e a violência lgbtfóbica. A partir da perspectiva de Rubin (1994) podemos afirmar que a noção de *Ideologia de Gênero*, ao longo dos últimos anos, se tornou um dos principais modos de regulação da conduta sexual e da produção de gênero e sexualidades não-normativos.

Segundo afirma Junqueira (2017), a identificação de gênero como uma ideologia política não nasceu no campo dos estudos feministas, ao contrário disso, teve sua gênese entre os setores ultraconservadores da Igreja Católica, em especial em documentos da Cúria Romana dedicados ao tema. Seja sob o desígnio de Ideologia, ou às vezes de Teoria de Gênero, no singular, esses sintagmas funcionam como rótulos políticos e não são conceitos científicos.

Junqueira (2017) afirma que desde 1990 e ao longo dos anos subsequentes, foram numerosos os esforços criativos do Vaticano e de seus documentos episcopais para encontrar expressões que melhor expressassem suas teorias sobre gênero, e que também funcionassem na mídia e na política para mobilizar as pessoas e agentes públicos contra os estudos de gênero e os direitos das mulheres e LGBTs.

Segundo Cornejo-Valle e Pichardo (2017) e Junqueira (2017), essa retórica, além de referir-se aos estudos sobre gênero, mulheres e feminismo, funciona como movimento de oposição às políticas públicas e os direitos das mulheres e LGBT's, a exemplo da legalização do aborto, criminalização da homofobia, legalização do casamento igualitário, reconhecimento das uniões homoparentais, e especialmente às políticas voltadas a superação das assimetrias de gênero na educação (JUNQUEIRA, 2017).

Esse movimento, ao tempo que invoca medidas que justifiquem a discriminação, utiliza-se do poder e visibilidade que sua retórica encontra no seio das igrejas católicas e neopentecostais para fazer afirmações homofóbicas, sexistas e contra os direitos das mulheres e minorias sexuais, especialmente os que se relacionam com temas de maior repercussão e mobilização social, como os já citados anteriormente (aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, reconhecimento das identidades trans, adoção por casais do mesmo sexo, entre outros) (CORNEJO-VALLE, PICHARDO, 2017; JUNQUEIRA, 2017).

No Brasil, o primeiro grande debate em torno daquilo que se chamou de ideologia de gênero se deu em 2014, quando o Plano Nacional de Educação - PNE para os próximos 10 anos entrou em discussão no Congresso Nacional. Gomes e Britto (2015) assinalam que a “promoção da igualdade de gênero e da orientação sexual na educação” é apontada como uma das inovações controversas do texto do PNE, que devido à pressão de grupos religiosos, foi substituída por “promoção da equidade, da justiça social e da não discriminação de modo geral”.

Na França não tem sido diferente. Em 2011, oitenta deputados do partido *Union pour un mouvement populaire* – UMP assinaram uma carta pedindo ao Ministro da Educação, na época Luc Chatel, a remoção de livros didáticos que explicam a identidade sexual dos indivíduos tanto na perspectiva sociocultural quanto biológica. A argumentação elaborada pelos deputados, que também contou com o apoio da *Direction de L'Enseignement Catholique*, tinham como mote principal a crítica à “la théorie du genre sexuel”, que aqui no Brasil conhecemos como “ideologia de gênero”.

Segundo Cornejo-Valle e Pichardo (2017) e Fillod (2014), foi justamente a partir de 2011 que esses movimentos que se alinham a retórica da *ideologia de gênero/ L'idéologie du genre* começam a ganhar força política e midiática na França, especialmente no combate aquilo que tange ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, a agenda anti-aborto e as discussões de gênero e sexualidade na escola. Em uma das manifestações organizadas pelo coletivo “*La Manif pour Tous*”, cerca de oitenta mil pessoas marcharam pelas ruas de Paris em 02 de Fevereiro de 2014 protestando contra os direitos das pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transexuais.

Tal como no Brasil, é possível achar diversos sites e páginas na internet francesas, em sua grande maioria com domínios vinculados a igrejas católicas e neopentacostais, que definem *L'idéologie du genre* como uma antropologia destrutiva da identidade, da família, da sociedade e da religião. No Brasil, entretanto, por mais que no campo das discursividades esse debate esteja cada vez mais vivo, estimulando o machismo, a violência contra mulher e a lgbtfobia nos mais variados espaços, entre eles a universidades, nós não tivemos, como na França, grandes mobilizações sociais nas ruas, sejam elas pró ou contra as questões de gênero.

Cornejo-Valle e Pichardo (2017) sinalizam que a França foi um dos países europeus onde os movimentos *anti-gênero* mais lograram sucesso (ao contrário da Espanha, por

exemplo), a ponto de Ludovine Dutheil, presidente do *La Manif pour Tous* ser convidado por organizações espanholas para tentar mobilizar na Espanha aquilo que vinha acontecendo no território francês: o cerceamento de direitos e a paralisação de leis a favor das mulheres e LGBTs.

Essa perseguição aos estudos de gênero tem, notadamente, acirrado as situações de violências contra grupos historicamente subalternizados, resultado dessa atual produção de discursividades que descaracteriza a importância de suas agendas. A universidade tem sido um dos espaços onde essas ações se reverberam e ganham legitimidade, e o foco principal dessas violências têm sido as mulheres, pessoas LGBTs, em especial aqueles e aquelas que estão envolvidas com os estudos de gênero e sexualidade e a militância feminista e LGBT.

A universidade precisa ser compreendida, nesse contexto, como uma instituição social, que reflete a estrutura e a forma de funcionamento da sociedade como um todo, ao tempo, que, por ser uma instituição definida pela sua autonomia, também produz as suas próprias estruturas, regras, normas, ordenamentos e violências específicas do seu contexto.

A universidade precisa ser compreendida, nesse contexto, como uma instituição social, que reflete a estrutura e a forma de funcionamento da sociedade como um todo, ao tempo, que, por ser uma instituição definida pela sua autonomia, também produz as suas próprias estruturas, regras, normas, ordenamentos e violências específicas do seu contexto que confluem num espaço que não apenas reproduz, mas também atualiza as desigualdades e hierarquias de classe, raça, gênero, território, sexualidade, e contribui para que muitos conflitos sociais encontrem em seu interior mecanismos de estabilização. (NARDI ET AL, 2015; AMARAL, 2015).

Há uma dificuldade por parte das instituições universitárias de reconhecerem a dimensão institucional do preconceito e a sua participação e responsabilidade na manutenção das hierarquias sociais, como é o caso das hierarquias relacionadas à gênero e sexualidades (NADIR ETAL, 2015). Segundo Amaral (2014), especialmente a nível institucional, a lgbtfobia é responsável por essa hierarquização social entre os grupos sexualmente marcados e pela legitimação da inferioridade social daqueles que fogem os padrões de normalidade.

Givigi e Oliveira (2013) afirmam que a universidade é um lugar de produção de microfacismos, organizados pelos currículos, projetos político-pedagógicos, normativas e práticas pedagógicas que se legitimam com base na norma heterossexual, criando e

enunciando verdades sobre os corpos, gêneros e sexualidades dos sujeitos, e excluindo as possibilidades de vivência múltiplas dos mesmos.

Manifestada através da lgbtfobia que atua como reguladora das interações entre os atores e grupos sexuais sociais, a violência conserva a dominação social da heterossexualidade e legitima a inferioridade social dos que fogem ao padrão tido como normal (AMARAL, 2014). Essa violência, que inferioriza e patologiza aqueles com gêneros, corpos e sexualidades diferentes dos hegemônicos, se manifesta através lgbtfobia e caracteriza-se pela hostilidade, o ódio e a agressão legitimada pelos padrões culturais e sociais que condenam práticas não heterossexuais (SOUZA e MIRANDA, 2013).

Perceber que esse movimento tem se atualizado e reproduzido com muita força nas universidades, em especial nas universidades públicas federais, no caso do Brasil, me levou a principal pergunta que norteia esse projeto: como estudantes lgbts franceses tem permanecido nesse contexto universitário que se desenha no avançar da extrema direita e do ultraconservadorismo que tem combatido os direitos LGBTs e das mulheres e as questões de gênero e sexualidades?

Nesse sentido, é que pretendo investigar como as disputas promovidas em torno da noção de ideologia de gênero têm promovido à violência e impactado a permanência de estudantes universitários LGBTs brasileiros e franceses. No caso das estudantes brasileiras, já venho realizando essa investigação desde 2014, que se aprofundou em 2017 com meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, onde pesquiso as trajetórias de vida e formação de estudantes Trans na Universidade Federal da Bahia.

O interesse em realizar essa investigação na França já me acompanha há algum tempo. Na França, em especial na Université Paris 8 (Vincennes-Saint-Denis/FRANÇA), há uma tradição de estudos sobre a permanência de estudantes universitários. O conceito de Afiliação Estudantil, muito caro aos estudos de permanência foi gestado lá a partir das investigações do teórico Alain Coulon, que passa a ser utilizado no Brasil após a publicação de sua obra “A Condição do Estudante”.

Entretanto, esse interesse passa a ganhar forma a partir das minhas investigações sobre *Ideologia de Gênero* e suas nuances nos territórios Brasileiro/Francês que culminaram no meu ingresso projeto Gênero Ameaça(n)do, uma cooperação entre pesquisadores brasileiros e franceses, que sob a coordenação de Anna Paula Uziel (UERJ) e Eric Fassin

(Université Paris 8/Vincennes-Saint-Denis/FRANÇA) tem investigado, sob a ótica da Ideologia de Gênero, as ameaças aos direitos LGBTs e as questões de gêneros e sexualidade nos contextos do Brasil e França. No Brasil, tenho atuado sob a supervisão do docente-orientador Felipe Fernandes, professor da Universidade Federal da Bahia e membro do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Gênero, Mulheres e Feminsimo. Na França, estarei sob a supervisão de Eric Fassin, professor vinculado ao Departamento de Ciência Política e Diretor do Departamento de Estudos de Gênero da Université Paris 8.

Assim, o presente projeto contribuirá, de forma original, com o campo interdisciplinar dos Estudos de Gênero e Sexualidade, particularmente ao articular com os estudos sobre permanência universitária e afiliação estudantil, ampliando seus objetos para o campo das políticas sexuais, e produzindo, dessa forma, uma investigação das experiências de estudantes universitários LGBTs em duas universidades de dois países distintos. Essa articulação possibilitará a construção de uma comparação sobre as políticas universitárias e as alternativas que os estudantes LGBTs desenvolvem para permanecer na universidade, concluir seus cursos e sobreviver em meio a onda de violência provocada nesses contextos afetados pelas produções sobre *Ideologia de Gênero*, contribuindo assim para a proposição de outras políticas e alternativas que superem as violências, desigualdades e assimetrias de gênero e sexualidade na Universidade Federal da Bahia e Université Paris 8.

## **2. OBJETIVOS**

### **Objetivo geral:**

- Compreender como as disputas promovidas em torno da noção de ideologia de gênero têm promovido à violência e impactado a permanência de estudantes universitários LGBTs brasileiros e franceses.

### **Objetivos Específicos:**

- Comparar como as disputas em torno da noção de “Ideologia de gênero” tem se produzido e avançado no Brasil e na França.
- Investigar a agenda e ações promovidas pelos movimentos religiosos franceses que pautam a “ideologia de gênero”.



- Sistematizar as principais disputas em torno das questões de gênero e sexualidade e dos direitos LGBTs na França.
- Etnografar as trajetórias de vida e formação de estudantes universitários LGBTs franceses, em especial dos homens e mulheres trans.
- Comparar os dados obtidos na pesquisa realizada na França com os dados da pesquisa realizada no Brasil para tese de doutorado que investiga as trajetórias de vida e formação de pessoas trans estudantes da Universidade Federal da Bahia.

### 3. METODOLOGIA

A escolha metodológica desse projeto tem como base a etnopesquisa implicada de Macedo (2012) com orientação etnometodológica, a partir dos estudos e interpretações de Alain Coulon (1995). Em Macedo (2000), a etnopesquisa implicada, compreende a ciência enquanto uma prática social, partindo do fato de que, aqueles que querem compreender, estão de toda forma vinculados com a coisa em questão, transformando a ciência num objeto familiar, próximo do pesquisador.

A ideia da implicação reside justamente na não neutralidade, reconhecendo que, como tem nos alertado o feminismo *stand point*, todas nós falamos de um lugar e a partir de um lugar específico. A implicação política no processo da pesquisa supõe aceitar que nenhuma ciência é desinteressada ou neutra. A pesquisa implicada é uma pesquisa interessada, comprometida, nesse caso, feminista, que fala a partir de um dado lugar, a partir de determinados referenciais teóricos, e sempre com um caráter político.

A partir dessa compreensão, a etnopesquisa assume sua inspiração etnometodológica em Garfinkel e cultiva epistemologias qualitativas, visando compreender e explicitar a realidade humana, tal qual é vivida pelos atores sociais. Assim como na etnometodologia, a etnopesquisa direciona o seu olhar para a *forma* como os atores sociais *fazem* as coisas e realizam as suas ações. A Etnometodologia se constitui como a ciência dos etnométodos, tendo como objetivo a busca empírica dos *métodos* utilizados pelos indivíduos para construir e dar sentido as suas ações cotidianas.

Nesse projeto, a etnometodologia será acionada como teoria social e a etnopesquisa como prática metodológica. Enquanto a etnometodologia nos ajuda a explicar o porquê das escolhas que fizemos e nos fornece os conceitos chaves para a forma como agimos, a etnopesquisa nos diz o que fazer com essas escolhas e conceitos, e como coloca-las em

prática, através de procedimentos metodológicos que nos ajudarão alcançar os objetivos almejados. Como pesquisa interdisciplinar de caráter feminista, articularei os pressupostos da etnopesquisa e etnometodologia com aqueles das teorias feministas, em especial o feminismo Stand Point que possui profundo diálogo com a etnopesquisa implicada e os modos de implicação na pesquisa social. Nesse sentido, que a produção dos saberes e o alcance dos objetivos propostos serão alcançados a partir da utilização de três procedimentos metodológicos: Entrevistas Etonarradas, Etnografia, Observação Participante.

#### 4. INFRAESTRUTURA DISPONÍVEL

A Université Paris 8 possui um Departamento em Estudos de Gênero que fica alocado no Instituto de Sociedade, que abriga outros seis departamentos (Histoire, Littérature française, Littérature générale et comparée, Etudes littéraires anglaises, Sociologie et Science politique). O Departamento de Estudos de Gênero possui dois cursos: um Mestrado e um Doutorado em Estudos de Gênero, e conta ainda com um Laboratório de Estudos de Gênero e Sexualidade, em funcionamento desde 2015. O Departamento em Estudos de Gênero foi criado a partir do Centro de Estudos da Mulher, existente na Université Paris 8 desde 1974, possuindo atualmente, além de uma ampla estrutura física, uma das maiores redes de professores-pesquisadores da Europa para o ensino e pesquisa acadêmica em estudos de gênero.

#### 5. CRONOGRAMA

##### PRIMEIRO SEMESTRE

Ação		Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6
1	Integração à equipe do projeto "Gênero Ameaça(n)do" e aos protocolos e procedimentos de ensino e pesquisa da Université Paris 8.	X					
2	Mapamento de estudantes universitários LGBTs que frequentam a Université Paris 8.		X	X			
3	Etnografar as experiências formativa e investigar as trajetórias de vida e formação de estudantes LGBTs da Université Paris 8				X	X	X
4	Retraçar as disputas e os discursos produzidos no Brasil sobre Ideologia de Gênero na última década.			X	X	X	X
5	Traçar as disputas e os discursos produzidos na França sobre Ideologia de Gênero na última década.		X	X	X	X	X

6	Revisitar a literatura clássica e contemporânea sobre gênero, sexualidade, permanência e afiliação universitária no Brasil e na França.	X	X	X	X	X	X
6	Traçar as políticas universitárias para prevenção a violência lgbtfóbica na universidade no Brasil e na França					X	X
7	Participar e etnografar eventos e atividades na universidade, organizações dos movimentos sociais e governo que tenham como foco as questões de gênero e os direitos LGBTs.		X	X	X	X	X
8	Elaborar um quadro sinótico com as principais organizações dos movimentos sociais e institucionalidades do governo implicados com a agenda da <i>Idologia de Gênero</i>						X
9	Participar das atividades de ensino no Departamento de Estudos de Gênero, Departamento de Sociologia e Antropologia, Departamento de Ciências da Educação da Université Paris 8.	X	X	X	X	X	X

### SEGUNDO SEMESTRE

Ação		Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6
1	Etnografar as experiências formativa e investigar as trajetórias de vida e formação de estudantes LGBTs da Université Paris 8	X	X	X			
2	Revisitar a literatura clássica e contemporânea sobre gênero, sexualidade, permanência e afiliação universitária no Brasil e na França.	X	X	X			
3	Elaborar um quadro sinótico com as principais organizações dos movimentos sociais e institucionalidades do governo implicados com a agenda da <i>Idologia de Gênero</i>	X					
4	Traçar as políticas universitárias para prevenção a violência lgbtfóbica na universidade no Brasil e na França	X					
5	Elaborar um quadro sinótico com as políticas universitárias para a prevenção e combate a violência lgbtfóbica no contexto universitário no Brasil e na França.		X	X			
6	Participar e etnografar eventos e atividades na universidade, organizações dos movimentos sociais e governo que tenham como foco as questões de gênero e os direitos LGBTs.	X	X	X			
5	Comparar temporal-social e conceptualmente as disputas e os discursos produzidos sobre Ideologia de Gênero no Brasil e na França (2008 – 2018)	X	X	X			
6	Comparar as trajetórias formativas entre estudantes universitários brasileiros e franceses.			X	X		
7	Produção de artigo científico para submissão em periódicos brasileiros e franceses.				X	X	X
8	Produção do relatório final						X

## **6. RESULTADOS ESPERADOS E POTENCIAL PARA O ESTABELECIMENTO DE REDES DE PESQUISA E EDUCAÇÃO**

O Brasil tem vivido um momento de profunda perseguição aos estudos de gênero e sexualidade e aos direitos das pessoas LGBTQs e isso tem contribuído com o aumento da lgbtfobia. As universidades brasileiras, inseridas nesse contexto, tem sido um dos espaços onde essa caça tem se reverberado, se tornando um lugar onde constantemente são vistos ataques a pessoas lésbicas, gays, bissexuais e em especial a pessoas trans, assim como à pesquisadoras e estudiosas do campo dos estudos de gênero e sexualidade. Como já salientado, a França, nos últimos anos, tem vivido algo parecido, por isso acredito que investigar como e quais as estratégias que os estudantes lgbts franceses tem produzido para enfrentar e combater a violência, assim como resistir e permanecer, contribuirá para pensarmos em novas estratégias para realizar esse enfrentamento e construir políticas de gênero e sexualidade nas universidades brasileiras, em particular na UFBA, que reduza as desigualdades e assimetrias de gênero e sexualidade.

A possibilidade de realização dessa pesquisa, sob a supervisão do professor Eric Fassin, fortalecerá os vínculos e as produções do grupo de pesquisa Gênero Ameaça(n)do que já funciona em parceria com a UFBA, e além de contribuir com a minha formação individual, e com a construção da minha tese de doutorado, abrirá portas para que, no futuro, outras estudantes possam realizar missões internacionais nessa mesma universidade. Além disso, essa investigação possibilitará a escrita e submissão de artigos científicos, podendo gerar produtos em coautoria com pesquisadores franceses, contribuindo com o fortalecimento da pesquisa e pós-graduação da UFBA, a difusão da produção brasileira no exterior e a construção de relações que possibilitarão que mais pesquisadores franceses do campo dos estudos de Gênero e Sexualidades venham ao Brasil.

## **7. REFERÊNCIAS**

- AMARAL, Julião Gonçalves. Lutas por reconhecimento, desrespeito e universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia institucional. *Revista Teoria & Sociedade*, Belo Horizonte, p. 229-262, 2013.
- CORNEJO-VALLE, Mónica; PICHARDO, J. Ignacio. La “ideología de género” frente a los derechos sexuales y reproductivos. *El escenario español*. *cadernos pagu*, v. 50, p. 175009, 2017.
- COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis, Vozes, 1995.

FILLOD, Odile. L'invention de la " théorie du genre": le mariage blanc du Vatican et de la science. *Contemporary French Civilization*, v. 39, n. 3, p. 321-333, 2014.

GIVIGI, Ana Cristina Nascimento. OLIVEIRA, Camila Silva de. Aquenda! Universidade: o Recôncavo baiano sai do armário. In: Givigi, Ana Cristina Nascimento, et al. O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade. p. 13 – 29, 2013

GOMES, Ana Valeska Amaral; BRITTO, Tatiana Feitosa de. Plano Nacional de Educação: construção e perspectivas. Brasília: Senado Federal, Edições Técnicas: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. "Ideologia de Gênero": A invenção de uma categoria polêmica contra os direitos sexuais. In: RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá;

MACEDO, Roberto Sidnei. A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012

MOORE, Henrietta et al. Understanding sex and gender. *Companion encyclopedia of anthropology*. London: Routledge, p. 813-30, 1994.

NARDI, Henrique Caetano et al. O "armário" da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. *Revista Teoria & Sociedade*, 2013.

RUBIN, Gayle. *Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade*. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes e revisão de Miriam Pillar Grossi. Do original RUBIN, G. *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*

SOUZA, Simone Brandão. MIRANDA, Valéria dos Santos Noronha. Homofobia e invisibilidades na educação. In: Givigi, Ana Cristina Nascimento, et al. O recôncavo baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade. Cruz das Almas, EDUFRB, p. 103-128, 2013.